

FREIDA McFADDEN

ALA D

Tradução de
Carla Ribeiro

Para os meus pacientes.

1

PRESENTE

Cara AMY BRENNER,

Foi alocada ao turno noturno de hoje na nossa principal unidade psiquiátrica fechada, a Ala D.

Ao preparar-se para o turno que lhe foi atribuído, por favor, considere as seguintes orientações:

- Ser-lhe-á dado um código numérico que pode ser utilizado para sair da Ala D. Salvo em caso de emergência, NÃO PODE deixar a unidade durante o seu turno.
- Não divulgue nenhuma informação pessoal aos seus pacientes. Isto inclui pormenores sobre a sua vida pessoal ou o endereço de sua casa.
- Não é permitido levar os seguintes objetos para a Ala D: álcool, líquidos inflamáveis, pioneses, canetas, agulhas, agrafos, cliques, alfinetes de ama, limas de unhas, pinças, corta-unhas, tabaco, cigarros eletrónicos, sacos de plástico, lâminas, armas ou qualquer artigo que possa ser utilizado como arma.
- Não espere dormir durante o seu turno.

O médico assistente de serviço esta noite é o DR. BECK. Por favor, apresente-se ao médico assistente quando chegar à Ala D.

Com os melhores cumprimentos,

Pauline Walter

Assistente administrativa do diretor de psiquiatria

A Sra. Pritchett não consegue dormir.

Ou pelo menos não conseguia da última vez que cá estive na consulta externa de psiquiatria, onde estou há duas semanas a fazer um estágio do curso de medicina. Trabalho com um psiquiatra chamado Dr. Silver, a quem dei a alcunha de Dr. Sono (pelo menos na minha cabeça) porque oitenta por cento dos pacientes que vêm cá por problemas de sono. Supõe-se que o internato de psiquiatria em que estou me devia expor a uma prática ambulatoria geral, com uma mistura de depressão, ansiedade, psicose, etc., mas só há problemas de sono por aqui, na verdade. E eu não me importo nada.

Ainda tenho as notas que tirei no meu caderninho de argolas sobre a última visita da Sra. Pritchett. Não me tinha apercebido até este exato segundo de como a minha letra se tornou ilegível. Fora os seus sessenta e quatro anos de idade, só consigo distinguir duas frases:

Não consegue dormir.

E:

Gato.

Sublinhei a palavra «gato» várias vezes, por isso devia ser importante, mas não consigo ler nada do que escrevi por baixo dessa palavra. Algo sobre gatos, provavelmente. Talvez o gato se tivesse sentado na sua cara quando estava a tentar adormecer. Aconteceu-me isso uma vez.

A Sra. Pritchett está instalada na sala de exame, o cabelo grisalho à altura do queixo penteado num corte cuidado, a grande bolsa rosa apertada no colo. Ao contrário da maioria das salas de exame que vi, esta não tem uma marquesa de exame elevada. É só uma sala com duas cadeiras de madeira. A Sra. Pritchett está sentada numa delas, eu vou sentar-me na outra e então, quando o Dr. Sono chegar, ele ocupará a segunda cadeira e eu levantar-me-ei, ficando a pairar desconfortavelmente acima deles.

– Amy! – exclama a Sra. Pritchett, ao ver-me entrar na sala.
– Estou tão feliz por a ver, querida!

– Oh? – Isto é diferente da habitual saudação cansada que recebo dos pacientes. – Como tem dormido?

– Muito melhor. Graças a si!

– A sério? – Tento não soar demasiado espantada, mas é difícil não dizer: *Mas eu não fiz absolutamente nada.*

– Sim! – Sorri-me. – Todos os outros se limitaram a receitar-me um monte de comprimidos para dormir, mas a Amy falou realmente comigo. E, mais importante, *ouviu-me.* E foi assim que eu percebi que a razão por que não conseguia dormir era ter tantas saudades do *Senhor Bigodes* desde que morreu, há seis meses.

Oh, *gato.* Agora tudo faz sentido.

– Fico muito feliz por ter podido ajudar.

Abre-me um sorriso lacrimoso.

– E foi por isso que, depois de falar consigo, arranjei um gatinho novo. Desde que levei o *Senhor Fofinho* para casa, durmo como uma pedra. Tudo graças a si. Porque tirou tempo para ouvir.

O que posso eu dizer? Enquanto estudante de medicina, não tenho muito conhecimento, mas tenho montes de tempo para passar com os pacientes. O que é bom, porque a Sra. Pritchett passa então a mostrar-me cerca de cinco mil milhões de fotografias *Polaroid* do seu novo gatinho.

– Além disso – diz ela, quando acabo de ver as fotos –, trouxe-lhe um presente de agradecimento!

Um presente de agradecimento? A sério? Uau, é a coisa mais empolgante que me aconteceu nos últimos dois anos.

Ainda assim, parte do meu entusiasmo esmorece quando a Sra. Pritchett se ergue da sua cadeira. E diria que se desvanece por completo ao vê-la pegar num quadro enorme que não me tinha apercebido de que estava ao fundo da sala de exame. O quadro estava virado de costas para nós, mas agora vejo-o claramente.

É o retrato de um gato.

E é quase do meu tamanho.

– É um quadro que mandei fazer do *Senhor Bigodes* – diz orgulhosamente a Sra. Pritchett. – E gostaria que ficasse com ele.

– Oh – respondo eu. – Hum. Obrigada!

Um gato preto é a figura principal do gigantesco retrato. É nitidamente maior do que a versão real, a não ser que o *Senhor Bigodes* fosse um lince ou talvez um pequeno leão. E porque parece tão *zangado* no quadro?

– Não parece realista? – pergunta a Sra. Pritchett.

Sim. Parece realmente estar prestes a saltar do quadro e a atacar-me.

Levo o quadro para fora da sala de exame, sem saber muito bem onde vou pôr isto no meu apartamentozinho minúsculo. Por agora, deixo-o no corredor.

O Dr. Sono está a trabalhar no gabinete ao lado da sala onde tenho estado sentada com a Sra. Pritchett. Este outro gabinete tem uma secretária com um computador em cima e o Dr. Sono está a martelar nas teclas quando bato com o punho na porta aberta. Ao erguer o olhar para mim, empurra os seus óculos de leitura em forma de meia-lua para cima sobre a ponte do nariz e esboça-me um dos seus sorrisos plácidos.

– Olá, Amy. – O Dr. Sono fala sempre num tom calmo que é quase monocórdico. Estou bastante certa de que podia adormecer a maioria dos seus pacientes só com a voz. Provavelmente saem da consulta e adormecem imediatamente nos seus carros, possivelmente enquanto conduzem. – Está pronta?

– Sim – digo.

– Muito bem, então. Fale-me da senhora Pritchett.

Percorro a informação sobre a Sra. Pritchett que tenho no meu caderninho. O Dr. Sono assimila tudo em silêncio, soltando ligeiros resmoneios nos momentos adequados. Refiro o retrato do gato, na esperança de que ele se ofereça para mo tirar das mãos, mas não tenho essa sorte.

– Enfim – termino. – É tudo.

O Dr. Sono esfrega pensativamente a pera branca.

– E como está a *Amy*? Também não parece ter dormido lá muito bem.

Tem razão – não dormi bem ontem à noite. De certeza que tenho umas olheiras enormes por baixo dos olhos.

– Estou só um pouco nervosa por ir fazer um turno na Ala D esta noite.

– Ah, faz sentido. – Não sei até que ponto devo ficar perturbada com o facto de ele achar normal que eu tenha passado metade da noite acordada a preocupar-me com o meu turno da noite na unidade psiquiátrica fechada. – A Ala D pode ser desafiante. Mas acho que vai aprender imenso esta noite. Quem é o seu médico assistente?

– O doutor Beck.

Ele assente em aprovação.

– Um dos melhores psiquiatras que conheço. E um excelente professor. Terá uma ótima experiência esta noite.

Tenho sérias dúvidas disso.

– Não há motivos para preocupação – diz ele, na sua voz calma e tranquilizadora. – Lembre-se, terá o código para sair da unidade. Pode sair em qualquer altura.

Certo. Aparentemente, há um teclado com um código de seis dígitos que controla a porta trancada da unidade psiquiátrica. Mas eu não consigo memorizar um número de telefone, que não é muito mais longo. E se eu me esquecer do código e ficar presa? *O que acontece então?*

Ele abre-me um sorriso apaziguador.

– Fez um trabalho tão bom aqui nas duas últimas semanas, Amy. Todos os pacientes me dizem que é uma ouvinte maravilhosa. Muitos estudantes parecem esquecer-se de que os doentes psiquiátricos são seres humanos como nós. Só querem ficar melhor e parte do seu dever como médica será prestar-lhes os melhores cuidados possíveis.

– Eu sei.

Inclina a cabeça para o lado e fita-me com a expressão pensativa que tantas vezes adota.

– O que a preocupa tanto, Amy?

– Parece-me só que pode ser... perigoso.

– Vai ficar bem. – Fita-me com os seus olhos azuis. – Todos os pacientes estão muito bem controlados pelas suas medicações. Não há motivos para preocupação.

Parece-me mentira. Se estivessem bem controlados, a unidade não teria de ser fechada, não é?

Mas não é essa a verdadeira razão por que temo a minha noite na Ala D. Não posso dizer ao Dr. Sono o verdadeiro motivo por que passei a noite de ontem às voltas na cama. Não posso dizer a ninguém porque tenho um pavor desesperado da Ala D.

– Escute. – O Dr. Sono olha para o relógio de ouro que tem no pulso. – Porque não me deixa acabar com a senhora Pritchett e sai mais cedo? Tire um pouco de tempo para si antes de rumar à Ala D.

Um pouco de tempo para mim parece-me fantástico. Já não tenho muito disso.

– Muito obrigada – digo-lhe eu.

Ele pisca-me o olho.

– Sem problemas. E não se preocupe. Quando chegar à Ala D, verá que não é assim tão má. Prometo.

Mordo a língua para me impedir de lhe dizer a verdade. A verdade é que eu já vi a Ala D. Já a visitei antes, há quase uma década.

Quando a minha melhor amiga era uma das pacientes lá.

Ainda me lembro do seu cabelo emaranhado e dos seus olhos desvairados durante a minha visita. Já não parecia a minha melhor amiga – parecia mais um animal selvagem preso numa jaula. Mas o que mais me marcou – o que jamais esquecerei – foram as palavras que ela me cuspiu segundos antes de eu fugir a correr da unidade, jurando a mim mesma que nunca mais voltaria:

Tu é que devias estar aqui trancada, Amy.

Vou passar as próximas treze horas da minha vida numa ala psiquiátrica fechada.

Tento não pensar nesse facto enquanto vou sentada no banco do passageiro do *Toyota* cinzento em terceira mão da minha colega de casa, a Gabby. (Era do pai, depois passou a ser do irmão e agora é dela – um dia destes, passará a ser do ferro-velho.) Teve a amabilidade de se oferecer para me dar boleia até ao hospital para o meu turno, que começa dentro de exatamente vinte minutos. Parece uma contagem decrescente para a minha execução.

– Não te passes, Amy – diz-me a Gabby. Passou as duas últimas semanas a trabalhar na Ala D durante o dia e não compreende as minhas preocupações. Até trabalhou com o Dr. Beck na primeira semana e tem uma absoluta adoração por ele. – Vai correr tudo bem.

Claro que, neste momento, estou um pouco mais assustada com o facto de a Gabby ter acabado de passar um sinal de STOP sem sequer abrandar. A Gabby é provavelmente a segunda pior condutora de Long Island (sendo eu a primeira, claro). Por outro lado, se a Gabby espetar o carro contra uma árvore, terei uma desculpa para faltar a este turno. Por uma vez, espero que soframos um terrível acidente.

Bem, talvez não *terrível*. Mas algo suficientemente mau para exigir uma visita ao hospital. Talvez um osso partido – um pouco importante, como o meu mindinho.

– Com quem estás de serviço esta noite? – pergunta-me a Gabby.

– Com a Stephanie.

– Oh! – Ela anima-se. – A Stephanie é incrível. Isso é tão perfeito.

Tenho de concordar com ela em relação a isso. Stephanie Margolis é uma das minhas colegas mais lúcidas. É o tipo de pessoa com quem queremos estudar na véspera de um teste porque sabe sempre tudo, mas não é insuportável quanto a isso. É uma presença tranquilizadora em qualquer sala. Saber que ela estará comigo esta noite faz-me sentir um pouco melhor com toda a situação.

A Gabby passa uma mão pelos espessos caracóis negros, mas fica lá presa e, por um momento, sinto verdadeiro pavor de ter de agarrar no volante e guiar eu mesma o carro enquanto ela desenreda os dedos com as duas mãos. Mas então consegue recuperar o controlo.

O meu telemóvel vibra-me contra a coxa. Ao tirá-lo, retraio-me ante a visão das minhas unhas gravemente roídas – estaria a roê-las agora mesmo se ainda restasse algo para roer. O nome Cameron Berger fita-me do ecrã do meu telemóvel. Seguido por uma mensagem de texto:

Olá.

Pensava que nada me poderia fazer sentir pior neste momento, mas eis algo que o faz. Uma mensagem de texto do meu ex-namorado, que acabou recentemente comigo de forma muito humilhante.

– O que foi? – pergunta a Gabby.

– É o Cameron – digo eu.

Faz uma careta. Foi a Gabby a estender-me os lenços de papel depois da nossa separação e até me ajudou a fazer uma pequena

fogueira de namorados para me livrar de todos os pertences que o Cam tinha deixado em minha casa.

– O que tem esse idiota a dizer?

– Disse «olá».

– Como ousa? – Leva a mão à buzina, provavelmente sobresaltando o condutor do carro à nossa frente, que não fez absolutamente nada de mal. – Espero que não lhe vás responder.

– É claro que não.

– Não sei porque não o bloqueias simplesmente!

Tem razão – devia bloqueá-lo. E é o que farei.

Talvez amanhã.

Viramos uma esquina e o hospital aparece – é uma estrutura nova construída em forma circular, de modo que as unidades de internamento formem um anel. Foi construído de forma a ter um ar ultramoderno, como se vivêssemos num futuro não muito distante. Há dois anos que tenho vindo a ter aulas no hospital: anatomia, fisiologia, patologia, microbiologia, etc. Mas agora estamos finalmente a usá-lo para aquilo a que se destina: ver pacientes e aprendermos a ser médicos. Foi com isto que passei toda a minha vida a sonhar.

Embora *nunca* tenha sonhado tornar-me psiquiatra. De todas as especialidades que tenho vindo a considerar, essa é a única que nunca me passou pela cabeça.

Com uma brusquidão nauseante, a Gabby trava em frente à concorrida entrada do hospital, falhando por pouco um homem numa cadeira de rodas.

– Chegámos!

– Chegámos – repito eu, apertando o saco de papel pardo que tenho ao colo, com a minha sanduíche de queijo americano e um pacote de batatas fritas que encontrei num dos nossos armários. O saco amarrota-se sob as minhas mãos.

– Não te preocupes – diz-me ela. – Vai correr tudo bem.

– Envio-te uma mensagem quando entrar. – *Se não tiveres notícias minhas de hora a hora, envia ajuda*, apetece-me acrescentar.